

UM DIA DE VIDA

Peça em 2 partes e 16 quadros de COSTA FERREIRA. Publicada em 1969 na colecção «Repertório da S.P.A.».

Representada pela primeira vez pela companhia do Teatro Nacional Popular no Teatro da Trindade, em Janeiro de 1958, encenada por Francisco Ribeiro. Adaptada ao cinema por Augusto Fraga em 1962.

[...]

Cenas: pequena sala burguesa modesta mas bem arranjada (1.º, 4.º, 6.º, 8.º, 10.º, 11.º, 13.º e 16.º quadros); «guichet» fechado de um escritório (7.º quadro); pequeno escritório sem gosto (9.º quadro); sala de espera típica de um escritório de advogado (final do 11.º, 12.º e 14.º quadros); gabinete luxuoso de advogado (16.º quadro).

João inicia, manhã cedo, o seu calvário quotidiano. É um homem de 50 anos que possuía um escritório de «comissões e consignações» que foi obrigado a trespassar. Desempregado, sem dinheiro, depois de ter conhecido uma mocidade folgada, João tem como única perspectiva tomar conta de uma tabacaria em sociedade com o Freitas, seu velho amigo. Precisa para isso de arranjar determinada quantia, o que se afigura cada vez mais difícil. Nesse dia, o dinheiro acabou-se e João não sabe o que há-de fazer. Sempre alegre e optimista, com tendência para se iludir e iludir os outros, ele diz ao Zé, seu filho do primeiro matrimónio, que não tem dinheiro trocado para lhe dar. Sai deixando o filho e Maria, sua segunda mulher, sem um tostão. O itinerário de João leva-o a uma tabacaria onde pede para ver num jornal os anúncios de oferta de empregos; depois a um escritório para ver se consegue um lugar, mesmo de servente, o que lhe recusam por ser velho e ter demasiadas habilitações para o lugar; a um café, onde encontra um advogado, seu velho conhecido, a quem pede um emprego e com quem combina encontrar-se, ao fim da tarde, no escritório deste; ao escritório de Freitas a quem pede para lhe emprestar dinheiro para poder entrar com a sua parte no negócio da tabacaria, o que o amigo recusa. Em casa, Maria, bastante mais jovem do que o marido, procura convencer o enteado de que está enganado em relação ao pai. Tendo passado uma infância infeliz num asilo, tendo conhecido dias de fome, Maria considera que deve tudo o que tem a João a quem não pode deixar de amar e respeitar. João termina o dia no escritório do advogado onde é atendido depois de estar imenso tempo à espera. Volta a pedir um emprego mas o advogado chama-lhe a atenção para os dias difíceis que se atravessam acabando por oferecer-lhe cem escudos que ele aceita. João regressa a casa, depois de ter comprado alguma comida, outra vez cheio de esperanças, embora fingidas. Em casa, o filho acusa-o por ter deixado a mulher e a ele próprio sem dinheiro, enquanto ele andava na boa vida. João não está disposto a confessar a verdade. A sua atitude, porém, leva Maria a suspeitar do que se passa e a sentir que também ele vivera a mesma situação. Os três reencontram-se, finalmente, na aceitação duma realidade amarga mas verdadeira.

Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 184-185.

Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.